

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLARA ALICE DE OLIVEIRA LOPES

**COVID-19 E A MULHER: OS IMPACTOS DA PANDEMIA NOS
MÚLTIPLOS PAPEIS SOCIAIS DA MULHER**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

CLARA ALICE DE OLIVEIRA LOPES

**COVID-19 E A MULHER: OS IMPACTOS DA PANDEMIA NOS
MÚLTIPLOS PAPEIS SOCIAIS DA MULHER**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Jéssica
Queiroga de Oliveira

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

CLARA ALICE DE OLIVEIRA LOPES

**COVID-19 E A MULHER: OS IMPACTOS DA PANDEMIA NOS
MULTIPLOS PAPEIS SOCIAIS DA MULHER**

Este exemplar corresponde à redação
final aprovada do Trabalho de Conclusão de
Curso de CLARA ALICE DE OLIVEIRA
LOPES.

Orientador: Profa. Me. Jéssica
Queiroga de Oliveira

Data da Apresentação: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira

Membro: Prof. Me. Moema Alves Macedo/UNILEÃO

Membro: Profa. Me. Larissa Maria Linard Ramalho/UNILEÃO

COVID-19 E A MULHER: os impactos da pandemia nos **múltiplos** papéis sociais da mulher

Clara Alice de Oliveira Lopes¹

Jéssica Queiroga de Oliveira²

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar e pontuar os impactos que a pandemia do Covid sobre a mulher e seus múltiplos papéis sociais. Trazendo enquanto pergunta inaugural, “quais os impactos da pandemia na qualidade de vida da mulher diante de seus papéis sociais (mãe, estudante, dona de casa e trabalhadora)?”. A qual foi respondida a partir da investigação sobre os papéis sociais desempenhados pela mulher brasileira, e identificação dos impactos sociais da pandemia do COVID-19 no Brasil e posteriormente a análise de como a pandemia afeta o desempenho das mulheres brasileiras em seus papéis sociais (mãe, dona de casa, trabalhadora e estudante). O presente trabalho apresenta-se de cunho descritivo, cujos métodos de pesquisa utilizados são bibliográficos e documentais, tendo como abordagem a qualitativa. Desta feita manifesto que a pandemia energizou a sobrecarga já existente na rotina das mulheres em virtude do isolamento social, perda de trabalho formal e informal, que induziram a dificuldades financeiras e afetivas além do aumento da carga de afazeres acarretando uma redução da qualidade de vida.

Palavras-chave: Mulher. Pandemia. COVID-19. Sobrecarga de papéis.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze and point out the impacts that the Covid-19 pandemic has developed and triggered on women and their multiple social roles. Bringing as an inaugural question, "what are the impacts of the pandemic on the quality of life of women in the face of their social roles (mother, student, housewife and worker)?". Which will be answered from the investigation on the social roles played by Brazilian women, and identification of the social impacts of the COVID-19 pandemic in Brazil and later the analysis of how the pandemic affects the performance of Brazilian women in their social roles (mother, housewife, worker and student). The present work is descriptive in nature, whose research methods used are bibliographic and documentary, with a qualitative approach. This time I manifest that the pandemic energized the burden already existing in the routine of women due to social isolation, loss of formal and informal work, which induced financial and affective difficulties in addition to increasing the burden of tasks resulting in a reduction in quality of life.

Keywords: Woman. Pandemic. COVID-19. Paper overlo

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: clara.oliveira419@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 provocou impactos significativos em todas as áreas das vidas das pessoas: social, emocional, financeira, laboral, acadêmica, entre outras. E diante disso, os governos mundiais e entidades internacionais foram orientadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS a realizarem medidas para prevenção e combate a disseminação do coronavírus, e uma delas foi o isolamento social, com o objetivo de restringir o contato entre as pessoas, e assim, reduzir a curva epidêmica (LAGO et al., 2020).

Essa restrição da liberdade trouxe impactos econômicos, mas também evidenciou outra consequência nos lares das famílias pelo mundo, a sobrecarga física e emocional da mulher no desempenho de seus papéis sociais, tais como, ser mãe, estudante, dona de casa e trabalhadora, alguns dos principais papéis desempenhados que nesse período de isolamento social se intensificaram. Além da autocobrança, se intensificou as cobranças sociais para seu desempenho com maestria, afetando a saúde mental da mulher (CARMONA, 2013).

O interesse pela temática se deu a partir das minhas experiências diante do desempenho exercido socialmente, como mãe, mulher, estudante e dona de casa, que geraram expectativas e cobranças sobre a minha performance nos papéis sociais, e assim como, o fato de sentir-me sobrecarregada física e emocionalmente. Outras mulheres também estão passando por experiências semelhantes à minha, cada uma de acordo com a sua individualidade e questões sócio regionais particulares, que nos levam para o mesmo caminho, o esgotamento físico e mental (CARMONA, 2013).

Essa pesquisa tem sua relevância em detrimento de se tratar de um fenômeno atual e que não só aflige um grupo específico, uma cidade, país, mas sim um fenômeno de proporção global que já está marcado na história da humanidade, e que como tal, impacta cada grupo de forma particular de acordo com a singularidade subjetiva.

As mulheres na sociedade sempre tiveram um espaço reduzido e submisso diante dos homens, não por escolha, mas por questões socioculturais que ditaram onde, como e quando deveriam se posicionar. E por conta do desconforto sentido por inúmeras mulheres, vieram a travar lutas para conseguirem mais espaço, igualdade social e valorização, com isso houveram várias conquistas, mas, a pandemia trouxe consequências a toda sociedade, principalmente às mulheres, em virtude dos seus diversos papéis sociais e jornadas de trabalho, seja ele doméstico, familiar, acadêmico e/ou no mercado de trabalho (ZANELLO, 2016).

Essa pesquisa tem por objetivo discutir sobre o impacto da pandemia nas múltiplas jornadas de mães trabalhadoras, estudantes e donas de casa neste cenário. Trazendo enquanto pergunta inaugural, “quais os impactos da pandemia na qualidade de vida da mulher diante de seus papéis sociais (mãe, estudante, dona de casa e trabalhadora)?”. A qual será respondida a partir da investigação sobre os papéis sociais desempenhados pela mulher brasileira, e identificação dos impactos sociais da pandemia do COVID-19 no Brasil e posteriormente a análise de como a pandemia afeta o desempenho das mulheres brasileiras em seus papéis sociais (mãe, dona de casa, trabalhadora e estudante).

2 METODOLOGIA

O presente trabalho é de cunho descritivo, cujos métodos de pesquisa utilizados são bibliográficos e documentais, tendo como abordagem a qualitativa.

As bases de dados utilizadas para seleção do material bibliográfico para pesquisa se deram através do SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica On-line); Google Acadêmico; Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e livros em mídia física. Selecionando enquanto filtro de busca, publicações referentes as palavras chave acima mencionadas dos últimos cinco anos, tendo como exceção material clássico sobre os temas.

Foram utilizados enquanto critérios de inclusão: documentos de origem eletrônica e impressa com os seguintes temas e/ou com as seguintes palavras chave: *Mulher e pandemia. COVID-19. Mulher e seus papéis sociais*. Como critério de exclusão, não foram selecionados materiais que não abordavam as temáticas e/ou as palavras chave mencionadas.

A análise dos dados a partir da seleção de publicações em texto completo e revisados por pares. Posteriormente foi realizado a identificação e classificação das publicações em gerais e específicas, de acordo com a estrutura dos capítulos, em seguida foram submetidas a uma leitura prévia, sendo excluídos os estudos que não tinham relação direta com o objetivo do referido trabalho. Implicou nas práticas básicas de reconhecimento, seleção, fichamento, análise e interpretação.

3 PANDEMIA DO COVID-19 E SAÚDE MENTAL

Em 2019 surgiu o primeiro caso de COVID-19 SARS-coV-2 na China, e no lapso de dias e meses alastrou-se rapidamente por todo o globo terrestre. Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a doença em estágio de pandemia, a maior emergência

internacional de saúde pública que se enfrentava em décadas. Em decorrência disso houveram significativos impactos na economia, na saúde pública e na saúde mental da sociedade, principalmente em virtude do distanciamento e isolamento social, como medida de controle de transmissão da doença (MACEDO, 2020).

Uma crise global de saúde que representa também uma crise econômica sem precedentes, com efeitos especialmente devastadores em países periféricos e/ou em desenvolvimento. Conforme relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OECD (2020), no mercado de trabalho as mulheres são mais vulneráveis a qualquer crise que acarrete perda ou redução de renda: mulheres ganham menos, têm menos acesso a benefícios previdenciários, são maioria dentre as famílias monoparentais, estão mais representadas no mercado informal de trabalho e suas taxas de pobreza são mais altas.

Conforme Silvia *et al* (2020) a desvalorização do trabalho feminino foi efetivo para o desenvolvimento do capitalismo. Inicialmente, o trabalho doméstico das mulheres era entendido como espécie de recurso natural, e as atividades femininas de reprodução da vida foram tidas como não-trabalho. No Brasil, a Pesquisa por Amostra de Domicílio Contínua – PNDA (2018), traz que as mulheres utilizam, em média, quase o dobro das horas semanais dos homens em atividades de afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas.

Outra figura importante a destacar são as avós, figuras importantes no cuidado das crianças, não estão presentes como antes, devido ao distanciamento social e aos riscos que o vírus impõe aos mais velhos. Com a suspensão/redução de visitas, mulheres divorciadas, cuja guarda dos filhos é compartilhada com as figuras paternas, podem perder uma parcela de tempo livre, sobrecarregando-a, logo em um momento tão crítico para a sobrevivência material, tempo livre este importante para manter seu bem-estar, saúde mental e emocional (CARMONA, 2013).

E assim as crianças passaram a estar em tempo integral em casa, revezando-se entre seus cômodos. A mesa das refeições transformava-se em um escritório improvisado ou em uma mesa de estudos, passando também a abrigar, por muitas vezes, o computador quando todos na casa assumiam, simultaneamente, atividades remotas diversas. Se antes as mulheres, num tempo de uma dita normalidade, já se dividiam entre diversas funções (mães, companheiras, filhas, trabalhadoras, pesquisadoras), em tempos de pandemia com a demanda de casa mais intensa a produção científica das mulheres foi significativamente afetada pela falta de tempo para dedicar-se aos estudos (BITTENCOURT & CASTRO, 2020).

E infelizmente as 24 horas do dia não tem sido suficiente para por em dias todas as atividades diárias antes realizadas, afazeres tem se acumulado, planos têm sido refeitos, o “não dar de conta” tem se tornado cada dia mais rotina (SILVIA et al., 2020).

Diante desse contexto, a pandemia do coronavírus evidenciou de forma mais intensa as desigualdades existentes entre o homem e a mulher no desempenho de seus papéis sociais, levando assim a uma sensibilização para se ter uma urgente atenção a saúde integral da mulher (MACEDO, 2020).

4 SER MULHER E SEUS PAPÉIS SOCIAIS

Todo o conhecimento que a humanidade tinha até a modernidade era proveniente da religião e filosofia, as quais buscavam explicar os fenômenos do mundo de acordo com suas particularidades e interesses (ABREU, 2020). Com base na Bíblia, livro base para os ensinamentos religiosos, encontra-se no capítulo de Genesis 2, a origem da mulher (Eva), a partir da costela do homem (Adão). *“E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada”* (Gênesis 2:22,23.)

Ainda de acordo com Boaventura (2008), a passagem bíblica acima possibilita uma interpretação na qual a mulher por ser feita mediante uma parte do homem, pertence a ele, é uma extensão do próprio, a qual deve obediência e assim pode-se compreender o seu papel no decorrer do desenvolvimento das civilizações em sua função social, submissa ao homem, sem poder de escolha, dependente com sua principal tarefa em ser a procriadora e cuidadora da família.

Na modernidade, a mulher conquistou mais espaço social e com isso maior independência em seus espaços e relações, passando a ser mais independente afetivamente e financeiramente dos homens. Contudo, ainda é notável as desigualdades sociais quando se comparam homens e mulheres em relação a posições, valorização e reconhecimento social (ABREU, 2020).

Segundo Macedo (2020) no que toca a teoria social do gênero, compreende-se como algo mutável, ou seja, não estável. Pois está interligado a fatores socioculturais do tempo histórico em que se vivencia. Levando em consideração que o ser mulher não é restrito apenas a sua anatomia, mas, o que está relacionado às estruturas sociais de poder que permeiam a sua relação com o mundo.

Na obra “O Segundo Sexo” de Simone Beauvoir (1908-1986), a autora estimula a mulher a não negar a sua existência e não se restringir apenas as normas e padrões socioculturais tradicionais machistas e patriarcais em que o lugar da mulher é limitado apenas ao lar e ao cuidado da família. Esse estímulo que Beauvoir incita está implicado no desenvolvimento do pensamento crítico da mulher diante da realidade que a circunda e assim, reflita sobre suas limitações e possibilidades de ressignificar a sua forma de viver, livre, independente e saindo da posição de submissão ao homem (BEAUVOIR, 1980).

Sobre a capacidade da mulher se afirmar concretamente como sujeito, Merleau-Ponty (2006) diz ser através do campo das possibilidades em que o ser mulher tem a capacidade de transcender o corpo feminino, ou seja, a anatomia diante da sua liberdade em ser atuante no mundo e exercer a sua condição de sujeito de suas experiências.

O desenvolvimento do papel da mulher na contemporaneidade só vem sendo possível por conta dessa sua capacidade de atuação no campo das possibilidades, que Merleau-Ponty descreveu no processo de construção desse lugar de fala da mulher, e não foi algo oferecido, mas sim, conquistado, através das mobilizações das mulheres no decorrer da história, e muitos sacrifícios por parte delas foram realizados em prol desse grupo (PONTES ET AL, 2020).

Como marco histórico das conquistas das mulheres em uma sociedade dominada por homens, se fazem marcantes as militâncias me meados do século XX, com manifestações na Europa, mais precisamente no Reino Unido, em que as mulheres lutaram por melhores condições de trabalho e visibilidade social (PINTO, 2010).

Diante do que foi exposto nesse capítulo, a ideologia de gênero enquanto uma interpretação sociocultural do sexo biológico, no qual disseminou papéis sociais distintos para homens e mulheres na sociedade, e que a mulher foi incubida da função da maternidade enquanto uma destinação biológica, e por isso seria sua obrigação em desempenhar esse papel de forma “voluntária” para todos que necessitassem. Assim, o cuidado foi tratado como incondicional a vida da mulher (SILVA ET AL, 2020)

4.1 MÃE

O poder de escolha nunca foi algo que a mulher teve desde o início de sua existência em sociedade, mas foi e continua sendo conquistado através de mobilizações e posicionamentos sociais no exercício de sua autonomia. Inclusive, escolher ser mãe não era uma opção e sim uma obrigação, melhor dizendo, de forma romantizada, um dom divino. Com o desenvolvimento da pílula anticoncepcional na década de 1960, a mulher conquistou esse poder

de escolha, em ter ou não filhos, além de poder escolher quando gostaria de exercer a maternidade (ABREU, 2020)

Outro fator histórico que enaltece as conquistas das mulheres na sociedade, diz respeito a época do sistema escravocrata, em que a mulher negra tinha seu filho retirado após o nascimento para ser ama de leite do herdeiro da mulher branca. Atualmente, há uma legislação que impede que situações semelhantes aconteçam e que garantem o vínculo entre os pais e seus filhos, em especial, as mães que são estimuladas ao aleitamento materno enquanto alimento essencial para subsistência da criança (FARIAS, 2005).

Pelo que já foi exposto, percebe-se que o cuidado com a família e do lar, são requisitos relacionados ao papel da mulher e não do homem, exaltando essa divisão sexual do trabalho doméstico que foi alimentado pela cultura no decorrer do desenvolvimento das sociedades, e que foi e ainda é, replicado na contemporaneidade (MACEDO, 2020)

A cultura exerce papel central na internalização de crenças, valores e normas de condutas a serem valorizadas socialmente, e mediante essa questão, a mulher buscou replicar o que lhe fora ensinado desde criança, o seu papel enquanto mulher na sociedade seria cuidar da família e do lar. A maternidade era tida como algo preestabelecido, e reforçado religiosamente, e por muito tempo a mulher se sentia confinada no ambiente domiciliar e consequentemente impossibilitada, e não estimulada a sair desse cenário preestabelecido socioculturalmente (FARIAS, 2005).

Quando a mulher passou a se questionar sobre as suas possibilidades de emancipação social, como a inserção no mercado de trabalho, vieram consigo cobranças externas (sociedade) e internas (seu eu) diante das questões internalizadas e que geraram um conflito identitário interno em conflito com o imaginário social de boa mulher, mãe, dona de casa, esposa, cozinheira e demais rótulos sociais conferidos ao papel da mulher ideal (MACEDO, 2020)

Zanello (2016) apresenta a teoria do dispositivo materno enquanto uma subjetivação em que a mulher é cuidadora por natureza e por isso a maternidade é referida como uma consequência da capacidade de gerar um filho e diante disso, seria a pessoa ideal e exclusiva para o desempenho dessa função social. Esse foi o discurso legitimador do papel social da mulher sendo enaltificado a maternidade enquanto instinto natural para o cuidado, exclusivamente o cuidado da família e do lar.

Vale ressaltar que a teoria do dispositivo materno é ressaltada na obra “Um amor conquistado: o mito do amor materno de Elisabeth Badinter (1985) em que apresenta o modelo de “boa mãe” para a mulher que só conquista esse título social caso se prive de suas vontades e anseios que venham a não se relacionar com sua função materna em detrimento da sua

responsabilidade com seus filhos. Diante disso, nota-se que a teoria do dispositivo materno assim como o modelo de boa mãe não está apenas restrita as mulheres-mães, mas também para as mulheres que não experienciaram a maternidade. Com isso, os valores morais e expectativas são lançados a todas as mulheres.

Conforme foi discutido nesse capítulo, a mulher é concebida e valorizada socialmente pela sua função cuidadora e que é gerada uma expectativa para que ela desempenhe esse papel, visto como um dom divino, mesmo que não seja mãe, ela deve cuidar da família e esse cuidar não estar apenas restrito as pessoas, mas também ao lar, a casa, ou seja, cuidados domésticos (ZANELLO, 2016).

4.2 DONA DO LAR

Segundo Macedo (2020) no período escravocrata, o modelo social da família era fortemente patriarcal e machista, em que as relações intrafamiliares eram regidas pelo sistema hierárquico de poder centrada no homem, pai, chefe da família, tendo a sua autoridade incontestável e rígida. Atualmente esse modelo ainda é vigente, mas com menor poder, pois a mulher vem conquistando seu espaço dentro da família e na sociedade ampla, através da inserção no mercado de trabalho, as mãe-solo que criam seus filhos sem a ajuda do homem, companheiro.

Antes de adentrarmos sobre a emancipação da mulher, vale reforçar a dinâmica do seu terceiro papel social, a dona de casa, do lar. Pois é necessário desmistificar sobre concepções errôneas sobre o trabalho da mulher dentro de casa, que para algumas pessoas não é visto como trabalho e assim, acaba não sendo valorizada socialmente. Em épocas anteriores, havia essa centralidade dos afazeres domésticos às mulheres e os homens tinham a função de adquirir o sustento da família através do trabalho fora de casa. Contudo, atualmente, em muitos lares, essa função que antes era restrita as mulheres, passaram a ser desempenhadas pelos homens, mas, ainda longe de uma equidade dessa divisão (ABREU, 2020).

Essa falta de valorização do trabalho doméstico, segundo Federici (2017) foi fundamental para a consolidação do regime capitalista. Em que sempre o tempo desempenhado das mulheres nos afazeres domésticos fora postulado como algo inato ao ser mulher, algo natural, portanto, não compreendido como trabalho. Com isso, ao adentrar no mercado de trabalho, as mulheres já se encontram em desvantagem diante do homem que sempre teve seu espaço e tempo destinado ao trabalho, e a mulher, além do trabalho fora de casa, tem o de casa

para dar conta, levando-a a uma sobrecarga de trabalho nessa dupla jornada, em que encontra mais obstáculos para seu desempenho e valorização (CARMONA, 2013).

Um dado interessante a ser considerado a respeito dessa desigualdade das atividades entre homens e mulheres, foi observada através da Pesquisa por Amostra de Domicílio Contínua - PNDA Contínua (2018), onde ficou constatada que as mulheres despendem o dobro do seu tempo semanal em atividades domésticas, seja no cuidado à família e ao lar, em comparação aos homens. Assim, essa desigualdade no tempo e energia ocupacional prejudica significativamente as mulheres na busca de ascensão social, econômica e afetiva (CARMONA, 2013).

De acordo com Mandalozzo e Campanoli (2020) historicamente a ocupação da mulher foi destinada aos cuidados, seja eles familiares, seja eles domésticos. Isso é atribuído as concepções culturais e religiosas que foram mencionadas anteriormente e tal fato vem sendo retroalimentado de geração a geração. Percebe-se essa cultura desde a infância, quando nas lojas tem setor masculino e feminino, as meninas geralmente têm brinquedos voltados aos cuidados com a casa e com os filhos, mais uma vez há a internalização de valores e culturalização da maternidade e dona do lar. Contudo, os meninos têm várias opções vocacionais para escolher.

O autor supracitado ainda reforça essa denotação do cuidado centralizado a figura feminina no que diz respeito a atividades laborais de cuidado remunerados, em que um pré-requisito por vezes explícito nas vagas é ser mulher. Isso reforça mais ainda o que vem sendo exposto nesse subcapítulo, que as mulheres são vistas como cuidadoras natas, tendo mais responsabilidade no cuidado, e de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019) as mulheres destinavam 23,8 horas semanais aos afazeres domésticos não remunerado. Em contrapartida, os homens destinavam apenas 12 horas semanais para tal feito (MENDES, 2020).

É interessante analisar criticamente esse papel social da mulher, sendo que pode-se dizer que o trabalho do lar foi imposto a mulher a partir da romantização de ser algo inato ao seu ser biológico, que o cuidar é atributo feminino e portanto destinado exclusivamente a ela e como tal foi internalizado geração a geração através da cultura, valores, crenças e rituais desse modelo de mulher, mãe e dona de casa que acabam dificultando a sua inserção e/ou manutenção no mercado de trabalho (FEDERICI, 2019).

4.3 TRABALHADORA

O ingresso no mercado de trabalho trouxe consigo mais um papel social e consequentemente, mais responsabilidades e uma busca em reorganizar seu tempo diário para dar conta dos outros espaços que continuam cobrando seu perfeito desempenho (autocuidado, família e casa) e com essa conquista também surgiu a dupla jornada de trabalho (MACEDO, 2020; MANDALLOZZO & CAMPANOLI, 2020)

Macedo (2020) reforça essa desigualdade entre a situação social de homens e mulheres no que tange gênero, vestimentas, corpo e comportamentos socialmente aceitos e valorizados socialmente, e nessa disputa desigual, as mulheres buscam se sacrificarem para diminuir essas desigualdades entre gêneros para darem conta de seus papéis sociais com maestria, fato que acaba por sobrecarregar-las diariamente.

O trabalho é uma das áreas da vida humana que confere sentido e propósito e que o sentido que o trabalho gera para a vida do sujeito também o ajuda a suportar o desconforto que o mesmo trabalho lhe confere em suas nuances particulares. Diante disso, a atividade laboral possibilita a sensação de prazer e maestria, ou seja, o prazer em estar envolvido em algo que gosta de fazer e da sensação de ser útil na vida, arcando assim com suas responsabilidades sociais. Além de ser simbolicamente importante para o homem, ser reconhecido e valorizado pelos demais está como um importante fator da autorrealização, elevação e manutenção da autoestima e assim, essencial na qualidade de vida (MACEDO, 2020)

Mais uma pesquisa nacional traz mais um fator da realidade do trabalho feminino, agora no mercado informal, ou seja, enquanto profissionais autônomas, liberais, sem vínculo empregatício, De acordo com IBGE, no documento da Síntese de Indicadores Sociais de 2019, 43% da população brasileira está inserida no mercado informal. Sendo que as mulheres ocupam 42% desse mercado, já os homens ocupam 20% (MENDES, 2020)

De acordo com o Sebrae, o Brasil tem a sétima maior taxa de inscrição feminina no empreendedorismo no mundo, ou seja, mulheres que tem seus negócios de forma autônoma e que estão nesse ramo mediante a dificuldade de inserção no mercado de trabalho proveniente da sua dupla ou tripla jornada de trabalho. (IBQP, 2018).

E vamos de mais uma pesquisa que desvela mais um agravante que dificulta a inserção e permanência das mulheres no mercado de trabalho. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, contínua do IBGE mostra que quando a mulher tem o primeiro filho o seu salário é reduzido em aproximadamente 24%. Caso tenha 2, 3 ou mais filhos o rendimento no trabalho cai cerca de 40% (OLIVEIRA, 2020).

No que diz respeito às mães-solo, essa dupla jornada fica mais difícil de conciliar mediante a redução ou até a inexistência de uma rede de apoio. Fato que sofre influência diante

das condições socioeconômicas e culturais das mulheres. Essas mulheres além dos papéis já mencionados até aqui, buscam suprir a ausência do pai, muitas vezes exercendo esse papel na vida das crianças (CNJ, 2015).

De acordo com o IBGE, em 2018, as mulheres atuantes no mercado formal, tinham uma rotina de trabalho doméstico de 18,5 horas semanais, já os homens totalizavam 10,3 horas semanais nesse âmbito. Realizando outra comparação entre homens e mulheres que não tinham empregos formais, as mulheres despendiam 23,8 horas semanais para afazeres domésticos, 11,8 horas a mais que os homens (SILVA ET AL, 2020)

4.4 ESTUDANTE

A sociedade contemporânea sofreu e está a passar por mudanças para se adaptar as novas demandas e fenômenos das relações do homem. Porém, ainda se faz presente a herança patriarcal e machista nessas mesmas relações e conforme Silva e Ribeiro (2014), para o ser mulher, ainda há dificuldades no que diz respeito ao desempenho dos seus papéis sociais já mencionados aqui, mas ainda há um que nas ultimas décadas ganhou muita visibilidade e também fruto de conquistas femininas, o papel de estudante na vida adulta.

Silva e Ribeiro (2014) elucidam sobre a relação entre a mulher e o campo científico em um terreno que até então era restrito ao homem por conta dos suportes socioculturais e tempo disponível. Pois fica evidente a discrepância entre o tempo disponível e despendido nas jornadas de trabalho e desempenho de seus papéis sociais, tornando também precária a possibilidade de equidade entre homens e mulheres também nessa área.

Esse cenário desigual passa a prejudicar significativamente a dedicação das mulheres a carreira acadêmica, não por falta de espaço para desempenhar suas funções, mas pela dificuldade em conciliar seus papéis sociais (mulher, mãe, dona de casa, trabalhadora) e estudante. Outro fator agravante é a falta de rede de apoio para lhe dar esse suporte essencial para conseguir administrar de forma saudável a sua vida (BITTENCOURT & CASTRO, 2020)

Apesar dessas barreiras socioemocionais, as mulheres são maioria populacional no país e atualmente estão optando em ter menos filhos, além de estarem adentrando cada vez mais no mercado de trabalho e assim, assumindo a responsabilidade financeira das famílias. Diante dessa realidade o espaço acadêmico também vem sendo cada vez mais conquistado, e o que corrobora com essa afirmação, é que as mulheres são maioria no corpo discente nas Instituições de Ensino Superior no Brasil (SILVA ET AL, 2020)

5 OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA QUALIDADE DE VIDA DA MULHER

5.1 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PANDEMIA

Além da sobrecarga física e emocional intensificada pela pandemia da COVID-19 mediante o isolamento social, as mulheres estão sujeitas também a um aumento da violência doméstica e intrafamiliar. Sendo que quando se pensa em casa, vem a mente, segurança, conforto e afeto. Porém, não é de hoje que a violência contra a mulher é pauta de noticiários e estudos e que a quarentena agravou essa situação não apenas como um fenômeno no Brasil, mas mundial (BARROSO, 2020). Para prevenir a violência e proteger a mulher, além de combater e punir os agressores no âmbito doméstico e intrafamiliar, existe a Lei nº 11.340/2006, conhecida popularmente como a Lei Maria da Penha.

Abreu (2020) apresenta que na China, onde foi gerado o coronavírus, houve um aumento no número de divórcios nesse período de isolamento social e que esse dado é um importante indicador da qualidade das relações maritais e que em períodos de crise que leva ao estresse, ansiedade e depressão as pessoas têm mais dificuldades em lidar com suas emoções de maneira saudável e a violência acaba por ser uma forma de expor essas dificuldades. Sendo que as mulheres por conta da quarentena acabam por ficarem literalmente presas com seus agressores e sem contato com sua rede de apoio.

Para reforçar essa informação, a Agencia Brasil (2020) apresentou dados provenientes no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos realizado em abril de 2020, ou seja, já estava em vigor o isolamento social em virtude da pandemia da COVID-19. Houve um aumento de 36% das denúncias de violência contra a mulher em comparação com o mesmo período do ano anterior, mas vale ressaltar que existem as subnotificações e denúncias que não são realizadas pelas mulheres, muitas vezes, motivadas pelo medo do agressor e por não terem para onde ir.

Um fator agravante para esse silêncio frente a violência doméstica e intrafamiliar, pode ser motivado pela perda da rede de apoio, a qual dificulta compartilhar com alguém seu sofrimento e ser ajudada tanto pelo acolhimento proveniente da sororidade, assim como, ser apoiada e encorajada para realizar a denúncia, quebrando assim esse ciclo vicioso de violência que tem sua origem e manutenção enquanto fenômeno multifatorial que tem sua base fruto das desigualdades sociais, de gênero de forma mais específica nessa relação de poder (BARROSO E GAMA, 2020).

A quarentena é fator exponencial desse aumento da violência domiciliar e intrafamiliar, pois a mulher está confinada com seu agressor o dia inteiro, reduzindo o seu contato com sua

rede de apoio socioafetivo e pelas emoções negativas geradas pelo isolamento social, medo do contágio, ansiedade, estresse e irritabilidade são gatilhos que intensificam esses atos no cotidiano (LAGO ET AL., 2020).

5.2 SOBRECARGA DOS PAPÉIS SOCIAIS E PERDA DE APOIO

A inserção no mercado de trabalho oportunizou a mulher uma autorrealização diante da sua independência financeira, sentimento de utilidade e de ser ativa socialmente, conquistando direitos antes negados, além de uma maior visibilidade social. Diante disso, Silva, Pereira, Antunes e Castelari (2019) realizaram um estudo com um grupo de cinco docentes de uma universidade brasileira com o objetivo de saber a percepção delas na relação entre maternidade e trabalho. Para essas mulheres ser mãe consiste em um marco em suas vidas e a atividade laboral enquanto fonte de autorrealização. Contudo, relatam a sua dificuldade em conseguir conciliar esses dois papéis sociais diante da sobrecarga que vivenciam diariamente, mesmo considerando algo natural.

No estudo supracitado ainda foi constatado que as mulheres da pesquisa a partir da sua inserção no mercado de trabalho como fonte de realização pessoal, decidiram adiar a experiência e responsabilidade que advêm da maternidade, pois acreditam que para exercer esse papel social materno exigiria tempo e dedicação, fato que até obterem a estabilidade em suas carreiras, não seria possível (MACEDO, 2020)

Macedo (2020) reforçam esse pensamento das mulheres do estudo, no que diz respeito a preocupação e responsabilidade em dar de conta do cuidado com os filhos e essa consciência está levando as mulheres a repensarem sobre a maternidade enquanto prioridade, mas buscando uma fonte estável de subsistência em primeiro lugar, para posteriormente pensar na possibilidade de ser mãe.

Com a pandemia da COVID-19, as autoridades determinaram o isolamento social enquanto estratégia para controle da disseminação do vírus e diante desse cenário mundial as mulheres tiveram suas atividades intensificadas com toda a família em casa, os filhos sem irem à escola, agora com aulas virtuais mediante o Ensino a Distância – EAD. Além do trabalho remoto que para algumas conferiram uma oportunidade de continuarem empregadas na pandemia, sendo que outras mulheres perderam seus empregos (MANDALOLLO & CAMPANOLI, 2020)

Com o fechamento das instituições educacionais, as mães tiveram que assumir mais um papel, a de professoras em casa e com isso tiveram mais responsabilidades e menos tempo para

o desempenho dos seus outros papéis sociais, e outro fator que eleva mais essa sobrecarga, está no fato de que por conta do isolamento social, muitas mulheres perderam sua rede de apoio, ou seja, pessoas que ofereciam suporte no desempenho de suas funções e que agora estava só. (SILVA ET AL., 2020)

Bittencourt e Castro (2020) corrobora com o pensamento de Silva et al (2020) de que pelo fechamento das escolas e as crianças agora em tempo integral em casa, houve uma necessidade de adaptação para esse novo cenário social para conseguir lidar com essas novas demandas educacionais, financeiras, saúde e afetiva caba por prejudicar seu rendimento nas suas inúmeras funções e assim, a sua produtividade foi afeta.

De acordo com o relatório ONU Mulheres intitulado “Mulheres no centro da luta contra a crise COVID-19” apresenta dados sobre como a mulher está enfrentando esse período. Dos trabalhadores de saúde que estão afrente da pandemia no mundo, 70% são mulheres, já no Brasil, os profissionais de enfermagem e cuidadores são mulheres, o que as coloca em contato direto com risco de contágio pelo coronavírus (ONU MULHERES, 2020).

Por conta da pandemia houve um impacto grande na economia global e diante desse fator, houve um aumento substancial na taxa de desemprego, sendo que os setores que sofreram mais impacto, são áreas que tem grande presença feminina, como por exemplo o setor de turismo, alimentação e vendas (ONU MULHERES, 2020).

Oliveria (2020) descreve que a pandemia desvelou de forma mais intensa as dificuldades pelas quais as mulheres passam diariamente na sobrecarga de seus papéis sociais, que em meio a quarentena se agrava pelo aumento da demanda de sua atenção e afazeres, além da falta de contato com sua rede de apoio socioemocional. Com isso, a sua produtividade enquanto mulher, mãe, dona de casa, trabalhadora e estudante ficam comprometidas e a cobrança social e principalmente a autocobrança vem a gerar adoecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 não provocou apenas uma crise na área da saúde, mas em todos os setores sociais como economia, política e relações interpessoais. E como toda crise impõe adaptação para a humanidade instaurando uma nova ordem geopolítica. Contudo, sabe-se que todo fenômeno é sentido e experienciado de formas distintas pelas pessoas, assim, a pandemia afetou mais alguns grupos do que outros.

Diante da desigualdade de gênero escancarada socialmente pela COVID-19, nota-se o impacto na qualidade de vida das mulheres no exercício de seus papéis sociais (mulher, mãe,

dona de casa, trabalhadora e estudante) e que foi agravada pela perda da sua rede de apoio socioemocional, ou seja, familiares e amigos que prestavam um suporte no desempenho de seus inúmeros papéis sociais, que por conta do isolamento social, ficaram impossibilitados de ajudá-las.

Esse período acentuou a vulnerabilidade a partir da perda da rede de apoio, de emprego formal e informal, a sobrecarga de trabalho levando em consideração os seus inúmeros papéis sociais que exigem o desempenho perfeito e quando não consegue conciliar e ser produtiva, ocasiona culpabilização, raiva e angústia motivados pelas cobranças sociais e autocobrança. Além do aumento da violência doméstica e consequentemente do feminicídio no país.

Observou-se através dessa pesquisa que as mulheres por estarem inseridas em uma cultura ainda machista e patriarcal, internalizaram e consequentemente acabam reproduzindo comportamentos discriminatórios, apesar das conquistas e constantes mobilizações femininas em busca de garantia de direitos.

Por fim, fica evidente que a pandemia intensificou a sobrecarga já existente na rotina das mulheres por conta do isolamento social, perda dos postos de trabalho formal e informal, que levaram a dificuldades financeiras e afetivas além do aumento da carga de afazeres ocasionando uma redução da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Bianca de Macedo. Mulher, Mãe, Professora e Pesquisadora em Tempos de Pandemia: mas, esta história nem sempre foi assim... **SCIAS Education, Communication and Technology**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 161-174, jul./dez. 2020 e-ISSN:2674-905X. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/5017/3266> Acesso em: 26 Abr. de 2021.
- AGÊNCIA BRASIL. Pesquisa em favelas mostra que mães não conseguirão comprar alimentos. 04 de março de 2020. Disponível em: <https://www.ilocomotiva.com.br/single-post/2020/04/03/ag%C3%A9ncia-brasil-pesquisa-em-favelas-mostra-que-m%C3%A3es-n%C3%A3o-conseguir%C3%A3o-comprar-alimentos> Acesso em: 31 mai. 2020.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARROSO, Hayeska Costa; GAMA, Mariah Sá Barreto. A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. **Revista do CEAM**, v. 6, n. 1, p. 84-94, 25 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3953300>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/31883>. Acesso em: 26 Abr. 2020.
- BIBLIAON, **Bíblia Sagrada Online**. Adão e Eva (episódio bíblico). Gênesis 2. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2> Acesso em: 22 jul. 2020.
- BITTENCOURT, Bethania; CASTRO, Marcela Moraes. Atravessamentos na pandemia: relatos maternos sobre moradia, escola e pesquisa. **Revista Práxis**, v. 12, n. 1 (Sup.), dezembro, 2020. Disponível em: <https://moodlead.unifoa.edu.br/revistas/index.php/praxis/article/view/3453/2704> Acesso em: 26 Abr. 2020.
- CARMONA, Magdalena Sepúlveda. *Unpaid care work, poverty and women's human rights: challenges and opportunities for the post-2015 agenda*. **UN Women in collaboration with ECLAC Expert Group Meeting Structural and policy constraints in achieving the MDGs for women and girls**. Mexico City, Mexico, 21-24 October 2013. Disponível em: <https://www.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/csw/58/op1-magdalena-sepulveda%20pdf.pdf> Acesso em: 25 Abr. 2021.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Programa Pai Presente e Certidões**. 2ª edição 2015. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wpcontent/uploads/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/b550153d316d6948b61dfbf7c07f>. Acesso em: 11 de mar. 2020.
- FARIAS, Mabel. Infância e educação no Brasil nascente. In. VASCONCELLOS, Maria. R, de. (Org.). **Educação da Infância: história e política**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

_____. FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019, 388p.

FERREIRA, Verônica Clemente; SILVA, Mariana Regazzi Ferreira; MONTOVANI, Elisa Hypólito; COLARES, Larissa Gobbi; RIBEIRO, Aridiane Alves; STOFEL, Natália Sevilha. **Revista brasileira de educação médica** | 44 (sup.1) : e0147, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbem/v44s1/1981-5271-rbem-44-s1-e147.pdf> Acesso em: 26 Abr. de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

LAGO, Claudia; NONATO, Claudia; CANJANI, Elisa; BERGO, Isabella. A pandemia não tem rosto de mulher. **Revista latino-americana de ciências de la comunicación**. v.19, n.35, 95-107, 2020. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1737/760> Acesso em: 26 Abr. de 2021.

LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006 Vigência (Vide ADI nº 4424) Vide Lei nº 14.149, de 2021 Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em: 14 mar. 2020.

MACEDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia covid-19: tecendo sentidos. **Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinary**. | Belém, 12(2), 187-204, mai.– ago., 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v12n2/a12.pdf> Acesso em: 26 Abr. de 2021.

MANDALOZZO, Silvana Souza Netto; CAMPANOLI, Adriana de Fátima Pilatti Ferreira. A mulher trabalhadora em teletrabalho domiciliar: desafios para o exercício do direito a desconexão em tempos de pandemia. **Direito à Desconexão**, ano IX . n.89. Junho/20. Disponível em: https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/180010/2020_mandalozzo_silvana_mulher_trabalhadora.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 26 Abr. de 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MENDES, Janaína Dutra Silvestre. As mulheres a frente e ao centro da pandemia do novo coronavírus. **Revista METAXY**. Disponível: http://www.nepp-dh.ufrj.br/artigo_20_05_2020_doutora_Janaina.pdf Acesso em: 26 Abr. de 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

IBQP. **Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2018**. GEM (Global Entrepreneurship Monitor GEM) LIMA, Bruno. Cinco pesquisadoras que sequenciaram o genoma do coronavírus. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/08/intern> Acesso em: 02 set. 2020.

OLIVEIRA, Anita Loureiro. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de covid-19. **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 154-166, maio 2020. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448/33479> Acesso em: 26 Abr. de 2021.

OECD. Women at the core of the fight against COVID-19 crisis. 2020. Disponível em: "OECD." https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=127_127000-awfnqj80me&title=-Women-at-the-core-of-the-fight-against-COVID-19-crisis. Acesso em: 12 Abr. de 2021.

ONU MULHERES. **Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19**. [s.l.] Organização das Nações Unidas, 26 mar. 2020. Disponível em: https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=Mulheres+no+centro+da+luta+contra+a+crise+Covid-19 Acesso em: 14 maio. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER. Revista. **Sociolia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PNAD/IBGE. Pesquisa por Amostra de Domicílio Contínua. Outras formas de trabalho. 2018. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2020/05/relatorio-ibge-outras-formas-de-trabalho-2018.pdf> Acesso em: 16 jun. 2020.

_____. Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) - 1o trimestre 2019. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Es, jul. 2019b. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/141f5ee2291bea24dfe2e329c7fc008.xlsx Acesso em: 03 mai. 2020.

PONTES, Alessandra Nascimento; SANTOS, Gesyca Patrícia da Silva; LOUREIRO, Noemi Mello; SILVA, Jaqueline Maria. Os desafios da mulher empreendedora em tempos de pandemia (COVID-19) e o enfrentamento em conciliar: família e trabalho. **SCIAS Education, Communication and Technology**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. xx-xx, jul./dez. 2020 e-ISSN:2674-905X. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/5029/3281> Acesso em: 26 Abr. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

SCHMIDT, Beatriz; CREPALDI, Maria Aparecida; BOLZE, Simone Dill Azeredo; NEIVA-SILVA, Lucas; DEMENECH, Lauro Miranda. Impactos na Saúde Mental e Intervenções

Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). **SciELO**. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/58/69> Acesso em: 26 Abr. 2020.

SILVA, Michele Aparecida; PEREIRA, Michele Morais Oliveira; ANTUNES, Luiz Guilherme Rodrigues; SILVA, Francieli Dorneles, & CASTELARI, Michelle Cristina. (2019). Conciliando maternidade e carreira profissional: percepções de professoras do Ensino Superior. **Revista Vianna Sapiens**, 10(2), 190-216. doi: <https://doi.org/10.31994/rvs.v10i2.586>. Acesso em: 23 jun. 2020.

SILVA, Juliana Marcia Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente; ABREU, Kamila Eulálio; SILVA, Livia Souza. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Rev. Femininos**. Vol.8, N.3, Set. - Dez. 2020 Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114/23913> Acesso em: 26 Abr. 2020.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”**. Ciência & Educação (Bauru), v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ULRICH, Claudete Beise; STRÖHER, Marga Janete; PAZ, Nivia Ivette Núñez. Mulheres em tempos de pandemia: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino. **Estudos Teológicos São Leopoldo** v. 60 n. 2 p. 554-572 maio/ago. 2020. Disponível em: http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/4101/pdf Acesso em: 26 Abr. de 2021.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. In: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia. Brasília: **Conselho Federal de Psicologia**, 2016. p.103-122. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24590>. Acesso em: 30 Abr. de 2021.